

Barracos da Vale valem ouro

Estatat quer transformar Serra Pelada numa operação industrial até a virada do século

por Nelson Niero Filho
de Serra Pelada

A poucos meses de sua privatização, a Companhia Vale do Rio Doce está diante de um desafio. A estatal precisa transformar um garimpo decadente numa operação industrial de exploração de uma reserva estimada em 150 toneladas de ouro. A prioridade é viabilizar o Projeto Ouro Serra Leste e colocar a Vale entre os dez maiores produtores do mundo na virada do século.

Para isso, a Vale transformou-se numa espécie de corretora de imóveis do garimpo. Está comprando barracos velhos, e pagando bem, para demolí-los em seguida. O plano é tirar Serra Pelada do mapa, com o consentimento dos seus quase sete mil moradores, e colocar

no lugar uma nova área industrial da empresa, com capacidade para produzir, numa estimativa inicial, 15 toneladas de ouro por ano.

Resolver a questão dos garimpeiros de Serra Pelada, um problema que se vem arrastando por 16 anos, talvez seja a última "ação social" da Vale antes da privatização. Somente uma estatal pagaria R\$ 15 milhões – o custo estimado para comprar quase dois mil barracos – para tirar garimpeiros de uma área que, por direito, já era sua. Até agora, ela já conseguiu convencer cerca de 650 proprietários a vender em seus imóveis.

A notícia de que a Vale estaria disposta a pagar R\$ 6 mil no mínimo por

um barraco em qualquer estado trouxe de volta a Serra Pelada muita gente que havia deixado o garimpo quando a produção começou a decair, no final da década de 80. E muita gente, que nunca esteve lá antes, está construindo agora para tentar enganar os funcionários da Vale.

O que foi o maior garimpo de ouro do País, com mais de 80 mil pessoas, é

hoje o reduto de alguns poucos resistentes. A "Cava da Babilônia", o formigueiro humano que tornou o garimpo conhecido no mundo todo, transformou-se num lago de águas contaminadas. Ao lado, vai sendo cavado um novo buraco, o "garimpinho azougue", de onde não saiu ainda um só grama de ouro.

A nova reserva fica a dois quilômetros do garimpo e vai ser preciso construir uma mina subterrânea para chegar até o ouro. E esta é uma operação tão delicada quanto a retirada da população de Serra Pelada.

"Tecnologicamente, o projeto é um desafio", diz Luís Carlos Nepomuceno, gerente-geral de Serra Leste. O problema

é construir um poço de 400 metros de profundidade num terreno arenoso. A partir daí, serão feitos túneis subterrâneos para a passagem de caminhões carregados de minério.

Para apressar o processo, a Vale contratou a empresa canadense Long Year, que vai trazer três sondas com capacidade para perfurar até 1.200 metros e ajudar no trabalho de pesquisa das reservas.

A previsão é que ainda em 97 será finalizada a primeira fase de construção do poço. O custo total pode chegar a R\$ 15 milhões, ironicamente o mesmo valor reservado para os barracos de Serra Pelada. O Projeto Serra Leste deve custar, em três anos, cerca de US\$ 250 milhões. (Págs. C-1 e 3)



157

Documentação

Class. 156

Conte 9m

Data 19/11/96

PA1, C 103

EMPRESAS & NEGÓCIOS

TERÇA-FEIRA, 19 DE NOVEMBRO DE 1996

GAZETA MERCANTIL

Página C-1

Imóveis: a última "ação social" da Vale

Geólogos e engenheiros da estatal negociam, por até R\$ 6 mil, a compra de barracos e terrenos de garimpeiros na região de Serra Pelada

por Nelson Niero Filho
de Serra Pelada

A corretagem de imóveis é a mais nova especialidade da Companhia Vale do Rio Doce, maior empresa de mineração do Brasil, e a próxima da lista de privatizações do governo. No momento, este é o trabalho mais importante da Vale em Serra Pelada. Geólogos e engenheiros de minas deixaram de lado o trabalho de prospecção mineral para comprar barracos de madeira e terrenos na vila de Serra Pelada, que fica a dois quilômetros da nova jazida de ouro da estatal, cuja descoberta foi anunciada no início deste ano.

A Vale quer que os mais de seis mil moradores saiam para que ela possa transformar o garimpo decadente numa área industrial de produção de ouro. No lugar de Serra Pelada, o Projeto Serra Leste, com planos para explorar uma reserva de ouro de pelo menos 150 toneladas. É o empreendimento mais ambicioso da empresa desde Carajás.

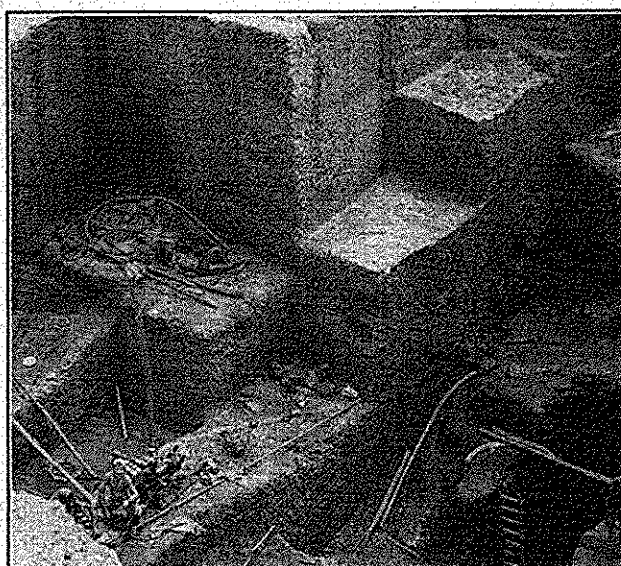
Mas não é só a questão social que preocupa a Vale. A parte de exploração propriamente dita também está dando dores de cabeça aos técnicos da empresa. "O projeto é um desafio", admite Luis Carlos Nepomuceno, engenheiro de minas e gerente geral do Projeto Ouro Serra Leste.

Serra Leste é parte importante dos planos da estatal de entrar para o clube dos dez maiores produtores de ouro do mundo até a virada do século, com cerca de 30 toneladas anuais. No entanto, não vai ser fácil. A empresa já está com o cronograma atrasado e quer colocar a mina em operação em três anos e meio, quando o normal num projeto desse porte seria de seis a dez anos. Existem grandes dificuldades técnicas para a construção de uma mina subterrânea num terreno arenoso como o de Serra Leste e, por outro lado, a Vale tem que resolver o problema dos garimpeiros, uma herança do governo federal.

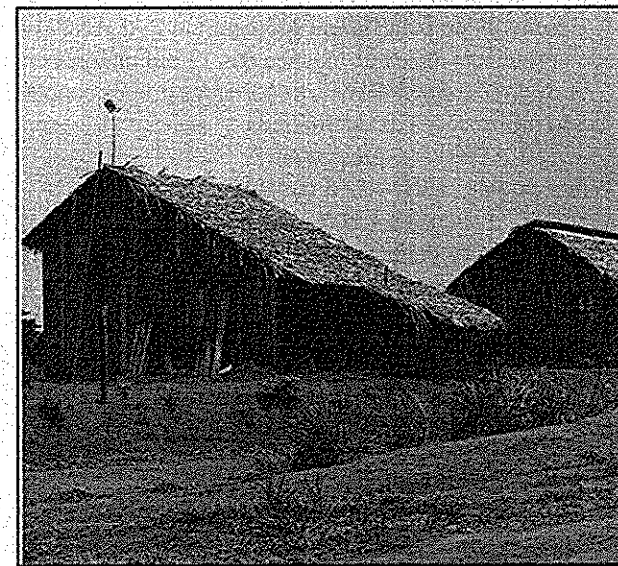
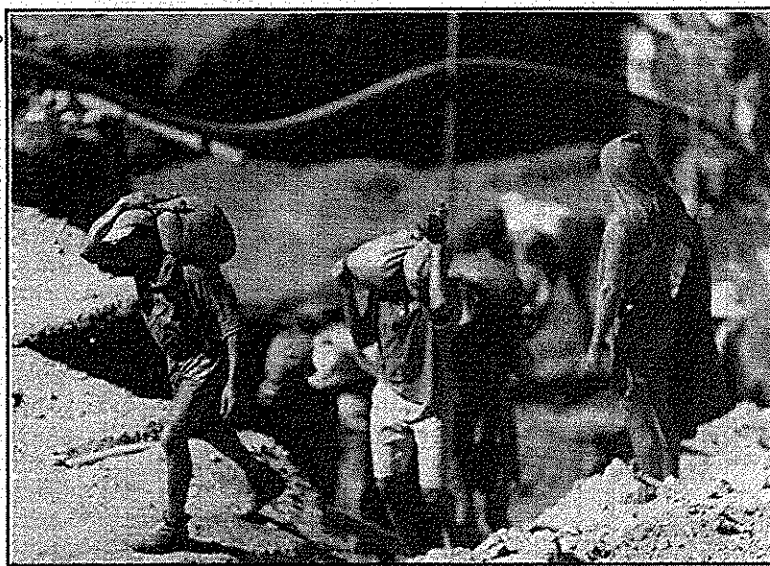
A compra de barracos por um valor mínimo de R\$ 6 mil — muito acima do valor real dos imóveis, que, além disso, estão numa área que já era sua — provavelmente será a última "ação social" da Vale antes da privatização. E este é um bom argumento que os funcionários da empresa estão usando para tentar convencer os moradores a deixarem a área.

A notícia de que a Vale estava comprando barracos e terrenos trouxe de volta a Serra Pelada ex-garimpeiros que já haviam abandonado o local há muito tempo. E provocou uma onda de especulação imobiliária. Do dia para a noite surgem diversos barracos novos. Não são para moradia: ficam lá, vazios, na esperança de que a Vale pague por eles.

Prevenido que isso pudesse acontecer, a empresa tomou como base para as indenizações o censo feito no ano passado pela prefeitura de Curionópolis, município ao qual pertence a vila de Serra Pelada. Na época, cerca de 6.800 pessoas viviam no garimpo. A Vale cadastrou 1.900 barracos, e até o final da semana passada havia conseguido comprar 650. Toda essa operação deve custar aos cofres da empresa aproximadamente R\$ 15 milhões.



Os garimpeiros resistem em deixar a área, apesar da atividade decadente, e abandonar seus barracos de madeira. A maioria acredita que Serra Pelada é a região mais rica do mundo



Ironicamente, a negociação para a compra dos casebres está sendo feita na sede da antiga fazenda de Genésio Ferreira da Silva. Foi um vaqueiro que trabalhava para ele, o Ceará, quem descobriu o ouro no local que ficou conhecido inicialmente como Grotá Rica. Dizem que Ceará tirou duas latas de querosene de ouro, que estava praticamente ao nível do solo. Não é à toa que mais de 80 mil pessoas vieram para cá atraídas pelo sonho de enriquecimento fácil.

Em frente ao QG improvisado da Vale (a mudança para a sede definitiva está sendo feita nesta semana), o agrônomo Claudio Henrique Lyra de Miranda anda de um lado para o outro resolvendo problemas administrativos e negociando com garimpeiros. Ele é o assessor do gerente geral do Projeto Ouro Serra Leste e está no comando dessa operação imobiliária. E não se cansa de repetir os mesmos argumentos para cada um que reclama dos preços.

É o caso do gaúcho Márcio Luiz Balferth. Ele entrou no garimpo em 1982 e chegou a comandar uma equipe de 140 homens. Tirou 70 quilos de ouro e hoje tem uma loja de produtos eletrônicos, uma fábrica de estofados e diversos terrenos e casas em Marabá e Belém. Ele saiu do garimpo em 1986, quando a produção caiu. Mas na sexta-feira passada estava de volta para negociar um terreno que havia deixado em Serra Pelada.

Essa é a história de muitos dos casos semelhantes, diz Lyra. "Essas pessoas só estão aqui porque a Vale está se propondo a pagar pelos barracos. Caso contrário elas nunca teriam voltado para cá." E quando alguém reclama do preço, Lyra é incisivo: "É o máximo que a companhia pode pagar, e é muito por um barraco. O Maluf (Paulo Maluf, prefeito de São Paulo) só pagou R\$ 1 mil para fazer o Cingapura", diz, referindo-se ao projeto habitacional do prefeito paulistano.

Acontece que alguns ainda se consideram com direitos sobre a área, apesar das decisões contrárias da Justiça. E acham que a companhia precisa indenizá-los pelo dinheiro e o tempo que perderam no garimpo. Uma quantia de 30 quilos de ouro por pessoa chegou a ser proposta por lideranças dos garimpeiros. "É como se o jogador fosse ao dono do cassino pedir seu dinheiro de volta", diz Lyra.

Na vila, a dois quilômetros do

QG da Vale, a situação é de intranquilidade. Há grupos de policiais militares por todos os lados vigiando os moradores. Eles não confiam na PM e acham que a qualquer momento Serra Pelada pode transformar-se num novo Eldorado dos Carajás.

"Vamos com a verdade", diz a faixa colocada no barraco onde funciona o Sindicato dos Garimpeiros de Serra Pelada. A entidade não existe formalmente mas funciona como uma espécie de porta-voz do que ficou conhecido como o Movimento de Libertação de Serra Pelada.

A verdade, segundo Urubatan Santana Monteiro, 16 anos de garimpo, é que os garimpeiros foram violados nos seus direitos, abandonados pelo governo e humilhados

pela Vale. Eles querem a demarcação da área (num total de mil hectares) e o direito de explorar as reservas em associação com empresas privadas. Logo o barraco está cheio de garimpeiros. O goiano Jonas Claudius de Oliveira Andrade diz que "Serra Leste é uma mentira inventada pela Vale". Para ele, é tudo Serra Pelada e, por isso, propriedade dos garimpeiros.

Lá fora, os caminhões contratados pela Vale continuam levando as tábuas dos barracos demolidos para um depósito perto da sede da fazenda. Elas não podem ficar no local, já que certamente serviriam para levantar outros barracos. E as tábuas envelhecidas valem mais para os especuladores porque fica mais fácil enganar os inspetores da Vale com elas.

Águas contaminadas e desnutrição

Se é verdade que saíram 100 toneladas de ouro de Serra Pelada — o número oficial é 40 —, nem a mínima parte dessa riqueza ficou no povoado. A maioria dos moradores vive em condições muito precárias.

A "Cava da Babilônia", o enorme buraco que virou o cartão-postal do maior garimpo do mundo, é hoje um imenso lago de águas contaminadas por mercúrio, que serve como área de lazer para as crianças do lugar. Ao lado, alguns garimpeiros fazem um novo buraco, que tem o nome sugestivo de Garimpinho Azougue, à procura de um novo filão de ouro. Até agora, não acharam nada.

Não se sabe quanto mercúrio, um material altamente poluidor, foi jogado em Serra Pelada. Não se sabe também a contaminação é um dos fatores para as precárias condições de saúde

da população local, um quadro "deprimido", na opinião do segundo-tenente José Alano Souza Costa, médico do 52º Batalhão do Exército.

Durante os quinze dias em que o batalhão esteve em Serra Pelada, foram atendidas 3 mil pessoas por médicos e dentistas do Exército. Nasceram cinco crianças, as consultas odontológicas chegaram a seiscentas, na maioria extrações, e foram gastos mil quilos de medicamentos.

A desnutrição e as verminoses são os casos mais comuns, atingindo 90% da população. O que mais chamou a atenção dos médicos foi o grande número de pessoas com pressão alta, o que estaria ligado a fatores psicológicos. "As pessoas estão muito ansiosas", diz o tenente.

A falta de higiene e a falta de perspectivas combinam-se com resulta-

dos desastrosos. O garimpo está decadente há praticamente dez anos, mas ainda assim mais de 6 mil pessoas insistem em permanecer no local, num misto de fanatismo e medo. Muita gente entrou no garimpo ainda adolescente e se "formou" aqui. Agora, a descoberta da nova jazida pela Vale reforçou o mito de que esta é a área mais rica do planeta.

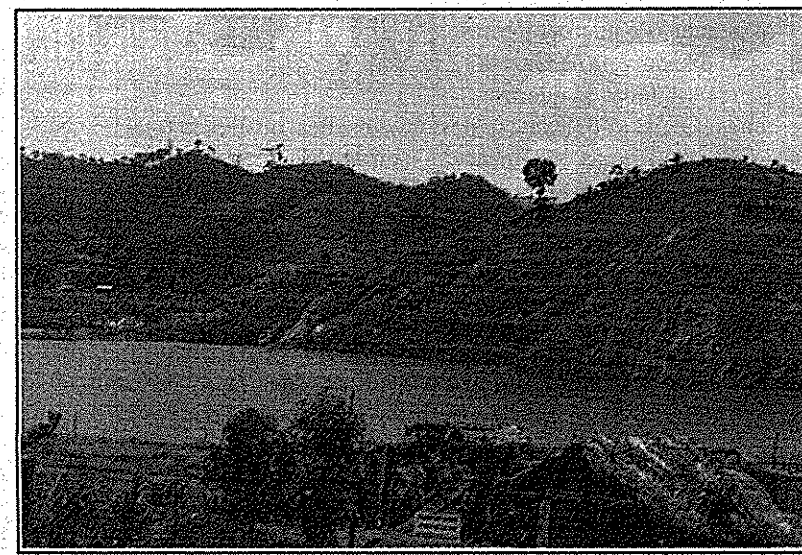
"Serra Pelada acabou", sentença Manoel Cândido Araújo, ex-presidente e atualmente segundo-secretário da Cooperativa dos Garimpeiros de Serra Pelada, a Coomigasp. Ele entrou no garimpo em julho de 1980 e na semana passada vendeu suas propriedades no local para a Vale, por R\$ 25 mil. Essa decisão rendeu-lhe muitos inimigos no garimpo.

"Muita gente não gosta de mim porque eu sou realista", diz Manoel

Cândido. "Eu nunca enganei os garimpeiros, como os políticos que vêm aqui atrás de voto." Morando em Curionópolis, cujo nome é uma homenagem a um de seus maiores desafetos, Sebastião Rodrigues de Moura, o "major" Curió, ele admite que perder Serra Pelada é "doloroso", mas reconhece que os direitos são da Vale.

Agora, ele espera que o governo indenize os 22.700 membros da cooperativa, para que ela seja extinta. A indenização viria de 900 quilos de ouro que estariam no Banco Central em nome da cooperativa. Mas, grande parte dessa reserva já teria sido gasta para manutenção e ações legais.

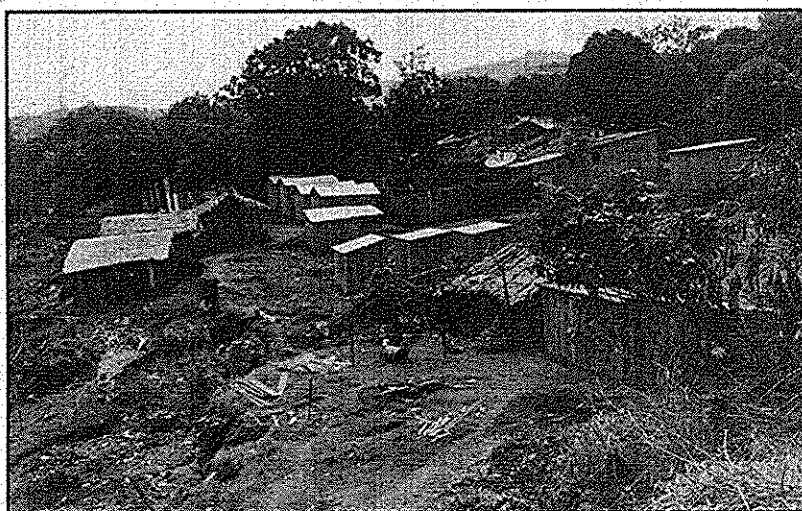
(N.N.F.)
(Ver mais sobre Serra Pelada na pág. C-3)



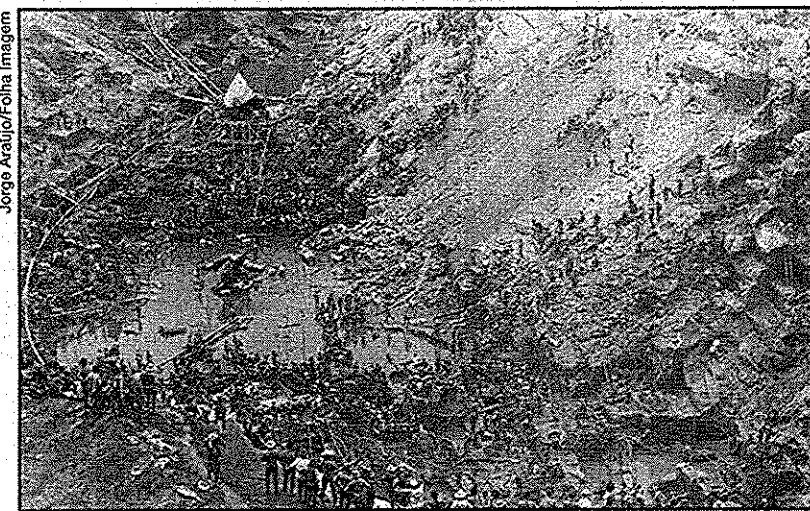
O antigo "formigueiro" tornou-se um imenso lago contaminado com mercúrio

■ EMPRESAS & NEGÓCIOS

BMC FIF BMC Renda Fixa - 60 Dias



Depois da decadência da exploração garimpeira, muitas famílias voltaram à região na esperança de receber algo como indenização pela propriedade dos barracos



Jorge Araújo/Folha Imagem

Polícia controla entrada da mina

Clima de tensão começou quando FHC anunciou a descoberta de outra jazida de ouro

por Nelson Niero Filho
de Serra Pelada

A saída do Exército de Serra Pelada e a transferência do comando para a Polícia Militar do Pará ocorreu sem problemas, mas criou um clima de insegurança no garimpo. O fato é que ninguém esqueceu as mortes dos sem-terra em Eldorado dos Carajás, que fica a 54 quilômetros.

O tenente-coronel Aragão Mendes, que comanda um dos três batalhões que participaram da operação, o 52º de Marabá, admite que a imagem da PM não é das melhores entre os moradores de Serra Pelada. No entanto, ele acha que agora a PM está mais preparada e deve começar a recuperar a confiança das pessoas.

Em Serra Pelada, o trauma ainda é grande. Tropas de policiais fazem rondas constantes, muito bem armadas. Duas barreiras na estrada controlam a entrada e saída. "Montaram uma operação de guerra para combater miseráveis", diz um garimpeiro.

A operação que envolveu Exército, Polícia Federal e Polícia Militar para a ocupação de Serra Pelada foi desencadeada depois de vários incidentes, incluindo sequestro e humilhações públicas de funcionários da Vale por um grupo de garimpeiros. A tensão veio num crescendo desde que o presidente Fernando Henrique Cardoso anunciou na televisão, em

fevereiro, a descoberta da nova jazida de ouro nas proximidades da antiga cava do garimpo.

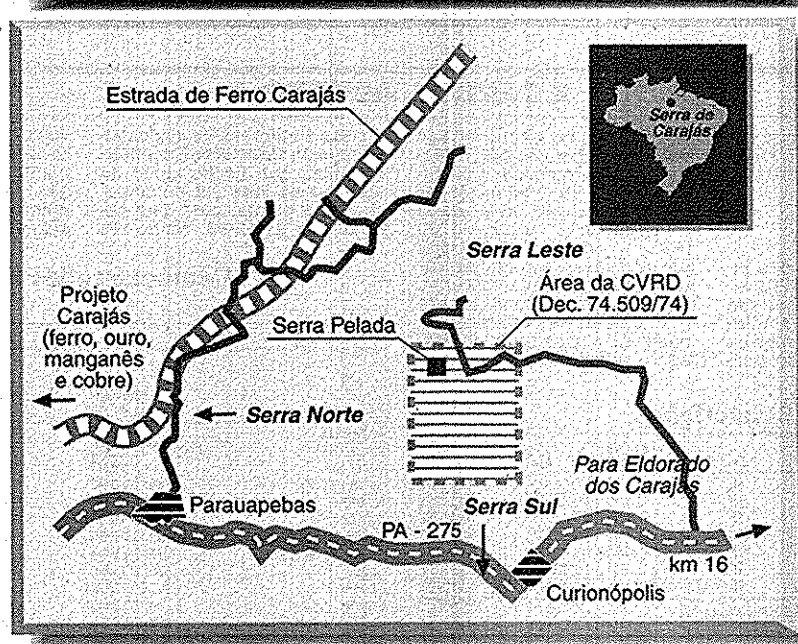
Com a notícia, muitas pessoas voltaram para o local e começou a ser articulado o que ficou conhecido como Movimento de Libertação de Serra Pelada. Fala-se num grupo de trinta a cinquenta garimpeiros, dos quais seis foram identificados como líderes e tiveram a prisão preventiva requerida pela Vale ao juiz de Curionópolis em junho por invasão de propriedade e formação de bando. Desde abril, as sondas da Vale estavam paralisadas e um bloqueio impedia a passagem dos funcionários da empresa.

Em julho, uma comissão de deputados e senadores, entre eles o senador Ademir de Andrade, que é considerado líder pelos garimpeiros. No parlamento montado em Serra Pelada houve, segundo funcionários da Vale, um show explícito de demagogia, com discursos incitando os garimpeiros a resistirem "na ponta da baioneta".

A situação chegou a um ponto crítico em outubro, com o bloqueio total do acesso a Serra Pelada. Em 24 de outubro, foi desencadeada a operação militar que vinha sendo discutida há vários meses.

Foram três batalhões, num total de 1.100 homens, deslocados para fazer o "isolamento de Serra Pelada para que a Polícia Federal pudesse agir

Localização de Serra Pelada



no garimpo", explica Mendes. Os sessenta agentes da PF entraram em Serra Pelada sem encontrar resistência e prenderam alguns dos líderes do movimento. Agora, com a saída do Exército e dos agentes federais, ficam

em Serra Pelada cerca de seiscentos policiais militares. É quase um policial para cada dez habitantes, o que, em condições normais, daria a Serra Pelada o título de lugarejo mais seguro do mundo.

Vale traz empresa do Canadá para apressar o projeto Serra Leste

A Vale está sendo rápida na retomada dos trabalhos em Serra Leste depois da paralisação forçada dos últimos meses. A companhia, por meio de sua subsidiária de pesquisa, a Docego, fechou um contrato com a empresa canadense Long Year para trazer três sondas, que deverão estar funcionando até o final do ano.

"Nosso gargalo hoje é a sondagem", diz o engenheiro de minas Thales José Mantovani, coordenador técnico do Projeto Serra Leste. Ele está no comando de uma operação que é um desafio em todos os aspectos. O maior deles no momento é construir o "shaft", o poço para exploração do ouro num terreno arenoso, que desmorona com facilidade.

A Vale está tentando definir um local para a construção do poço, mas não está tendo os resultados esperados com as sondas nacionais atualmente em operação. Por isso, a empresa está trazendo os equipamentos canadenses, considerados mais modernos que os nacionais, que podem perfurar até 1,2 mil metros.

"A sondagem foi retomada. O que precisamos agora é incrementar esse ritmo", afirma Mantovani, num escritório improvisado em Serra Leste, afastado do movimento de compra de barracos que ocorre não muito longe dali. Ele sabe que tem pouco tempo para colocar essa mina em operação e cumprir os planos de tornar a Vale um dos maiores produtores de ouro do planeta.

Das treze sondas que estavam na serra antes dos problemas com os garimpeiros restaram cinco, e só três estão funcionando atualmente. Essas três, e uma quarta, em instalação, são da Rede Engenharia (antiga Progeo). A quinta, a sonda da Azevedo & Travassos Petróleo, com capacidade para explorações acima de 800 metros, está com um problema mecânico e ainda não mostrou a que veio.

O descontentamento dos geólogos da Vale com o desempenho das son-

das nacionais é visível. Espera-se que, com a chegada dos equipamentos canadenses, as sondagens possam finalmente deslanchar.

A programação é de 30 mil metros de sondagens no próximo ano, com um custo de US\$ 500 o metro, num total de US\$ 9 milhões. É um preço relativamente alto para os padrões locais, mas foi a solução encontrada para se ter informações precisas o mais rápido possível.

Como pretende fazer em três anos e meio o que em condições normais levaria de seis a dez anos, a Vale terá de juntar fases diferentes do processo de exploração mineral. Assim, a empresa não vai esperar o término das sondagens para iniciar a construção do poço, as duas etapas vão estar ocorrendo simultaneamente.

A previsão é de que ainda em 1997 deverá ser finalizada a primeira fase de construção do poço, que terá 5,2 metros de diâmetro e 400 metros de profundidade. Por ele serão transportados pessoal e equipamentos, além de servir para a retirada de material da mina — o que será feito com dois elevadores puxados por cabos de aço. O custo total é estimado em R\$ 15 milhões. O local do poço deverá ser definido até o final do ano.

A jazida de Serra Leste está situada entre 400 e 1.500 metros de profundidade. Até agora, com 10% da pesquisa já realizada, a Vale anunciou um potencial de 150 toneladas. A proximidade do garimpo de Serra Pelada parece apontar para um mesmo corpo mineral. No entanto, a Vale revela que ainda está fazendo pesquisas para saber se, "apesar das diferenças mineralógicas entre as duas ocorrências, ambas fazem parte do mesmo corpo". O custo total do Projeto Serra Leste é de US\$ 250 milhões, com a criação de 3 mil empregos diretos e indiretos.

(N.N.F.)

"Isso é a maior riqueza do mundo"

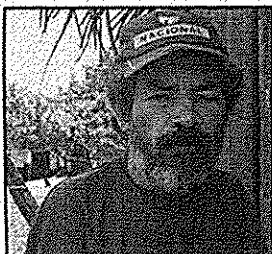
Antônio José da Costa, o Parazinho, saiu há dezesseis anos de Castanhal, norte do Pará, depois de ouvir a história do ouro de Serra Pelada. Ele foi um dos primeiros a entrar no garimpo e, pelo jeito, deverá ser um dos últimos a sair.

"Isso aqui é a maior riqueza do mundo", diz, sentado em frente de um barraco miserável até para os padrões de Serra Pelada. A Vale ofereceu R\$ 6 mil por ele, mas Parazinho não quer fechar o negócio. Ele espera que uma decisão qualquer do governo dê aos garimpeiros "alguma coisa mais justa".

Esperar é a única coisa que Parazinho faz nos últimos tempos. Esperar e beber, além de arrumar alguma briga de vez em quando, co-

mo mostra o olho roxo da última noite. "Eu levei um tombo", tenta disfarçar.

Parazinho chegou a figurar na galeria dos "bamburrados" (gíria que denomina aqueles que ficaram ricos com o ouro) do garimpo. Um exagero, ao que parece. O "barranco" — as áreas nas encostas da cava — onde ele trabalhava chegou a produzir 50 quilos, porém ele tinha uma percentagem mínima. Ainda assim, diz ter saudades de uma época de "muito dinheiro e muita fartura", quando ele andava



O garimpeiro Parazinho

com pulseiras e colares de ouro "da largura de um dedo".

Personagens como Parazinho estão em cada esquina. A maioria ganhou algum dinheiro e perdeu tudo. Muitos não têm coragem de voltar para suas cidades por estarem mais pobres do que quando saíram.

Um dos nomes mais conhecidos, José Mariano dos Santos, o Índio, ganhou fama quando fretou um Boeing para ver a namorada no Rio. Perdeu tudo, saiu do garimpo e a última notícia que se tem dele é que estaria no Movimento dos Sem-Terra em Eldorado dos Carajás. (N.N.F.)

Garimpeiros à espera das indenizações

Serra Leste é uma das serras que compõem o conjunto conhecido como Serra dos Carajás. As outras são Norte (onde estão as minas de ferro, manganês, ouro e cobre do Projeto Carajás), Sul, Buriti, Cinzento e Arqueada.

Além do ouro, Serra Leste faz parte de uma região rica em minério de ferro e, por isso, tem pontos de vegetação rasteira típica dessas ocorrências minerais. Vista de cima pelos pilotos de aviões e helicópteros, Serra Leste ganhou o apelido de Serra Pelada, o que ajudava a identificar a área que, na década de 80, era uma das mais concorridas do Brasil.

Como parte da província mineral de Carajás, Serra Leste vem sendo pesquisada desde os anos 70. O primeiro decreto de lavra (74.509) foi concedido em 1974 para a Amza — Amazônia Mineração S.A., uma associação entre a Vale e a U.S. Steel.

Quando foi descoberto o ouro,

houve a invasão pelos garimpeiros. Diante de um problema social de dimensões até então desconhecidas, o governo federal sancionou a Lei 7.197, que concedeu aos garimpeiros uma área de 100 hectares com caráter temporário. Em troca, a Vale recebeu uma indenização.

O prazo de vigência da Lei 7.197 era de três anos ou até que o garimpo chegasse a determinada profundidade. No entanto, ele foi sendo prorrogado, até que em 1992 o governo pôs fim à exploração garimpeira. Pelo menos no papel.

"É uma aberração jurídica", diz Luís Carlos Nepomuceno, gerente-geral do Projeto Serra Leste.

Uma aberração que rende até hoje brigas na Justiça, a mais recente delas um recurso da Cooperativa dos Garimpeiros de Serra Pelada (Coomigasp) contra o presidente da República por ter auto-

rizado a operação militar no garimpo. Quanto ao direito sobre a área, a Vale ganhou em todas as instâncias. No entanto, isso parece não ter importância para alguns garimpeiros. "Eles vão morrer acreditando que Serra Pelada é deles", diz Nepomuceno.

Os garimpeiros têm um problema sério de representatividade. Mesmo quando ganham no papel, são prejudicados pela falta de organização. A Caixa Econômica Federal, que atuou como compradora de ouro na área, foi obrigada pela Justiça a devolver R\$ 63 milhões aos garimpeiros, porque pagava um valor muito baixo pelo metal. Desse total, já foram descontados R\$ 40 milhões referentes a dívidas da cooperativa com empreiteiras que trabalharam no garimpo, advogados etc. O restante, R\$ 23 milhões, a Caixa não sabe a quem pagar.

(N.N.F.)

Rhône-Poulenc reestrutura-se

Financial Times

A Rhône-Poulenc, o gigante grupo químico e farmacêutico, vai realocar suas divisões menos rentáveis — a de medicamentos veterinários e de nutrição animal — para dar destaque ao setor de medicamentos humanos, seu negócio mais saudável.

A Rhône Mérieux, que reúne as operações de medicamentos veterinários, e a Rhône-Poulenc Nutrição Animal serão transferidas da unidade de medicamentos humanos, que passará a se chamar divisão farmacêutica.

Os dois negócios irão integrar a divisão de produtos agrícolas, já exis-

tente, que também será renomeada para saúde animal e vegetal.

Tomando por base os números de 1995, a divisão farmacêutica será a maior das quatro divisões do grupo, com por 35% do faturamento. Em seguida virá a divisão química, com 30% do faturamento. A divisão de saúde animal e vegetal ficará em terceiro, com uma peso de 20%, e a divisão de fibras e polímeros por último, respondendo por 15% das vendas.

O grupo afirma que a medida não é um "pré-lúdio" para tornar a divisão farmacêutica um negócio independente das demais atividades.

Jean-René Fourtou, "chairman" e chefe executivo da Rhône-Poulenc, declarou que o preço das ações do grupo deverá subir mesmo sem a separação das atividades.

Foi anunciada a nomeação do presidente da divisão agrícola, Alain Godard, para o comitê executivo. A indicação foi interpretada como um reconhecimento pelo aumento no lucro operacional da unidade.

A divisão farmacêutica — Rhône-Poulenc Rorer, braço norte-americano na qual o grupo detém 68% do capital, e a Pasteur Mérieux Connaught — será supervisionada por Igor Landau.